

# *A tradição da transgressão: língua portuguesa e identidade cultural em Luandino Vieira*

---

*Maurício Silva \**

## **Resumo**

O presente artigo trata das relevantes inovações lingüísticas do escritor angolano Luandino Vieira, enfatizando suas operações mais transgressoras, e analisa como essa linguagem interage com o processo de construção da identidade cultural de seu país.

**Palavras-chave:** Luandino Vieira; Angola; Literatura angolana; Inovações lingüísticas.

---

\* USP / Uninove – SP.

Desde a década de 1970, as relações entre Portugal e suas ex-colônias sofreram profundas alterações, a partir das quais se promoveu uma revisão dos conceitos que davam sustentação pragmática e ideológica a essas relações, sobretudo no que se refere à tão debatida questão colonial. Atualmente, quando se discutem de forma mais aberta as diretrizes e os resultados preliminares do amplo processo de globalização por que passam todas as nações politicamente organizadas, faz-se ainda mais necessária uma amplificação de nossas perspectivas culturais, redirecionando nossos interesses para realidades pouco contempladas pelas abordagens culturalistas tradicionais.

Nesse sentido, destaca-se a necessidade de retomada das relações político-culturais entre os países de língua portuguesa, relevando o aspecto peculiar e particularizador de suas respectivas culturas. Sob essa ótica, compreende-se a importância assumida, no presente momento, pelo estudo das literaturas africanas de expressão portuguesa, por meio do qual se busca fazer dialogar culturas que, historicamente, sempre estiveram vinculadas.

A importância e o reconhecimento que, a par disso, a literatura africana escrita em português tem merecido da crítica nacional e internacional vêm mostrar a pertinência de estudar com mais afinco e empenho alguns de seus mais representativos autores, como é o caso de Luandino Vieira.

Considerado um dos principais escritores africanos de expressão portuguesa contemporânea, em particular, da literatura angolana, Luandino Vieira logrou criar uma obra revolucionária não apenas do ponto de vista temático – já que concedeu à literatura de Angola uma dimensão universalizante, ao explorar a contribuição de seu povo à cultura ocidental – mas também do ponto de vista lingüístico – uma vez que procurou recriar a própria estrutura morfosintática da língua portuguesa, resultando numa narrativa particularmente inovadora. Embora o processo de recriação lingüística não seja novidade em literaturas de expressão portuguesa, a produção ficcional de Luandino Vieira vem ganhando espaço e visibilidade na crítica especializada exatamente por ter conseguido levar ao paroxismo os processos de revalorização expressiva do português, buscando aclimatá-lo à cultura popular de Angola e, a partir daí, torná-lo principal veículo de resistência política e identitária de seu povo. Nesse sentido, Luandino tem feito de sua produção literária um campo fértil e inigualável de

experiências lingüísticas, levando adiante importantes conquistas estéticas no âmbito das literaturas lusófonas mais recentes.

O presente artigo busca especificar algumas das mais relevantes inovações expressivas propostas pela escrita insinuante de Luandino Vieira, bem como enfatizar suas operações lingüísticas mais transgressoras, na medida em que é particularmente no âmbito da linguagem que sua produção ficcional se afirma como um dos principais contributos à formação da literatura angolana. Desse modo, destacamos não apenas aspectos que revelam sua competência em criar uma linguagem literária autônoma e original, mas também como essa linguagem interage com todo o processo de construção da identidade cultural de seu país, procurando equacionar as contradições que foram, historicamente, implantadas por um sistema de colonização excludente.

### **Linguagem, ideologia, transgressão**

Já se tornou um truísmo entre os pesquisadores das áreas da lingüística e da literatura o fato de haver uma necessária intersecção entre os conceitos de linguagem e ideologia, já que ambos atuam em conjunto no sentido de decifrar os meandros da existência humana – pautada, em tese, nas relações intercomunicativas – e analisar sua inserção numa dinâmica social complexa. Esse é, aliás, um fato que pode ser percebido nas considerações que Bakhtin (1988, p. 36) faz acerca da conotação ideológica da palavra:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Na realidade toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não seja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Esse matiz ideológico do discurso lingüístico e, por extensão, do literário encontra no solo africano, talvez como em nenhuma outra região, as condições propícias para se desenvolver, renovando um vínculo entre palavra e ideologia que surge como um verdadeiro imperativo. Por isso, pode-se dizer que a opção das ex-colônias de Portugal pela língua portuguesa veio acompanhada pela disposição inalienável de um uso libertário do código lingüístico, uso que se manifesta em dois sentidos complementares: como oposição/resistência ao poder colonial e como inovação literária a marcar uma identidade cultural luso-africana. Tal fato faz com que a língua portuguesa não apenas assuma uma participação determinante na construção de um ideário africano, afirmando-se como um idioma de unificação, mas também atue como discurso formador de povos autônomos, exprimindo – literariamente ou não – sua realidade. Afinal de contas, como já se salientou uma vez, “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As idéias e, por conseguinte, os discursos são expressões da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos” (FIORIN, 1988, p. 3).

Nesse contexto específico, a literatura adquire papel de relevo no processo de afirmação da identidade cultural africana, particularmente em Angola, onde ela conquistou plena representatividade como instrumento de resistência ao poder colonial, sobretudo no que ela apresenta de possibilidades de manipulação criativa a instaurar uma nova realidade lingüístico-cultural: a transgressão literária torna-se, assim, meio de veiculação dos anseios libertários da população, sendo utilizada a partir de perspectivas estéticas ideologizadas, já que se volta, a um só tempo, para a manifestação de uma causa revolucionária e para a afirmação de uma identidade coletiva. Das sociedades emergentes, como são a sociedade angolana e suas congêneres luso-africanas, surgem estéticas igualmente emergentes, isto é, expressões artísticas comprometidas com a liberdade política da sociedade em que se inserem: são manifestações estéticas cuja função social é, para além de significativa, orgânica.

Daí o fato de as literaturas que representam os povos luso-africanos terem na transgressão do código lingüístico sua marca mais sugestiva, instaurando uma verdadeira “tradição da transgressão”. Uma tradição e uma transgressão, diga-se de passagem, que trazem em sua própria razão de ser modos de atuação que servem como paradigma para toda a literatura novecentista dessas regiões, como já assinalara Manuel Ferreira (1987, p. 124):

Uma das características estilísticas introduzidas por alguns poetas da *Mensagem*, e que vão ser continuadas pelas gerações seguintes, é não só a integração das palavras da língua-mãe, com relevo para o quimbundo, como também a reapropriação pela escrita da cadeia falada do português dos musseques, e ainda a justaposição de versos do quimbundo e português.

Com efeito, não há como negar, ao lado de um valor estritamente estético-literário, o papel político-social desempenhado por alguns escritores nos mais diversos países do continente africano, comprometimento a que não escapa o angolano Luandino Vieira. Sua literatura insere-se, portanto, numa tradição de transgressão lingüística, da qual, na verdade, ele representa o paroxismo.

Por isso, estendendo ainda mais a abrangência do apelo político-ideológico que sua literatura alcança por meio do processo transgressor aludido, pode-se afirmar que, sem se limitar à dimensão idiomática propriamente dita, a reescritura da língua portuguesa levada a termo por Luandino Vieira incide diretamente sobre a própria constituição de uma consciência nacional, servindo assim de substrato ideológico e expressivo ao conceito de angolanidade. Com razão já se disse mais de uma vez que a linguagem empregada pelo autor de **Luuanda** confere à cultura nacional uma identidade própria, já que

[...] Luandino dá a imagem da sociedade angolana em processo de simbiose ou de influências, onde traços de diferentes culturas se atritam e disputam primazias. Um desses traços, a fala, isto é, o quimbundo ou o português dialetizado, por oposição à língua, o português de Portugal, funciona também como código

de identificação no conjunto de fatores que passam a caracterizar a angolidade. (SANTILLI, 1985b, p. 18)

Criador de uma narrativa em muitos aspectos inovadora, Luandino tem produzido um conjunto ficcional que traz como índice mais relevante de sua genialidade artística exatamente uma singular capacidade de reorganização da mundividência angolana a partir do processo de recriação lingüística presente em toda sua produção literária.

### **A tradição da transgressão**

A obra ficcional de José Luandino Vieira possui inegável valor estético tanto pela sua singularidade expressiva quanto pela sua originalidade. A partir da reinvenção do código lingüístico, o célebre romancista refaz a própria realidade angolana, representada no plano narrativo como um quadro vivo das tradições, dos conflitos e dos costumes de toda uma nação.

Sua produção incide, principalmente, sobre a temática social, reconstruída a partir da ótica literária, em que a exposição da realidade local e nativa é uma das tônicas fundamentais, com a tematização dos conflitos raciais, a exploração da dicotomia entre civilização (europeus) e barbárie (africanos) e, por fim, uma visão deliberadamente pessimista da sociedade. Não se trata, evidentemente, de um pessimismo desalentador, que enrijece a vontade de luta e mudança, mas de um pessimismo aliciante, que nos instiga à revolta contra as distorções sociais apontadas na trama de suas efabulações. Não obstante essa temática densa, de uma ideologia cerrada, suas principais conquistas estéticas encontram-se no campo da estilística, já que com a prosa ficcional de Luandino Vieira a literatura angolana atinge seu ponto máximo, sobretudo no que diz respeito ao tratamento lingüisticamente inovador do texto literário. Tal inovação pode ser verificada tanto no âmbito sintático, levando o autor a promover verdadeira ruptura no encadeamento oracional do português, quanto nos âmbitos morfológico – com sua indefectível criatividade lexical – e fonológico, em que o emprego deliberado de uma linguagem coloquial e o uso de artifícios próprios da oralidade incorporados ao texto escrito fazem de suas transgressões lingüísticas uma ocorrência esteticamente programática.

Do ponto de vista fonológico, é, em primeiro lugar, o emprego abundante do relato oral em suas histórias, a fim de promover um processo de recriação da própria linguagem literária, que faz de Luandino Vieira um dos mais criativos autores da literatura angolana. Seguindo o rastro desse processo de recriação lingüística, Luandino procura, coerentemente, enfatizar a oposição entre língua dominada e língua dominante, esta última representando o poder do colonizador, enquanto aquela se vincula principalmente ao âmbito das tradições pátrias: assim, se a narrativa é vazada sempre em língua portuguesa,

muitos diálogos contidos em seus livros serão transcritos na sua forma original de prosódia nativa. Essa apreensão da fala, da linguagem oral e regional de uma determinada cultura, esse recurso de oralização da obra literária dá à ficção de Luandino Vieira uma dimensão verdadeiramente humana, já que, como ressaltou Roland Barthes (1972, p. 60), “l’appréhension d’un langage réel est pour l’écrivain l’acte littéraire le plus humain”.

Além disso, o uso de termos próprios da linguagem cotidiana pelo autor reforça ainda mais essa oralidade: ao adaptar ao contexto local a linguagem de suas personagens, Luandino Vieira logra recriar o universo cultural de toda uma nação, revelando, pela ótica do particular, o que ela possui de mais universal e transformando sua literatura num vasto painel humanista destinado à resistência cultural e política de um povo, em que a noção de identidade nacional não deixa de estar presente (cf. SANTILLI, 1985a).

Torna-se, assim, relativamente fácil identificar marcas de uma flagrante oralidade local em seus romances, expressas sobretudo no uso recorrente de interjeições (*ená, sukua, aka, aiuê, elá*), numa pontuação particularmente expressiva ou, em narrativas de discurso direto, nos diálogos entre as personagens:

- Aiuê, menino Xico! Tanto tempo! Ená, tanto tempo, já. Como está?
- Bem, mamã Sessá.
- Bebian, Bebian’éeé! – mamã Sessá chamou.
- Ai? Bebian está? Pensei ainda andava naquela senhora, na costura.
- Nada, menino! Esta semana está com a gente, mesmo. Miguel lhe aleijaram na mão. Ele fala foi na pesca, mas makutu’ê [mentira]! Esse Miguel, não acredito! Parece é foi na loja de sô Fernando, andou jogar porrada com aquele cabrito, filho do velho das traineiras. (VIEIRA, [19—], p. 41)

Outros artifícios ligados ao âmbito fonológico podem ser assinalados ao longo de toda sua produção literária, como, no plano do enunciado, o emprego freqüente da aliteração, passando-se de uma dimensão humana para uma dimensão poética, o que se pode perceber em sentenças como “fruto exflorindo flor em folha floritura” (VIEIRA, 1977, p. 34) e “sentou no caixote e, devagar, empurrou as massuicas no sítio mais seco” (VIEIRA, 1982, p. 7).

Muito dessa maneira singular de reproduzir fatos da oralidade, forjando uma linguagem literária calcada no coloquialismo local, provém da inventividade artística do romancista, particularmente afeito ao trabalho de renovação lingüística a partir da intersecção entre o português e o quimbundo, sobretudo aquele falado nos musseques de Luanda:

- Para Luandino, o texto é o local da reinvenção e de pesquisa lingüística. Suas narrativas se tecem pela fusão do português com as línguas nativas [...] Mas seu trabalho com a língua não é arbitrário; há a pesquisa de palavras arcaicas,

como há também a incorporação do português dos *musseques*. (SECCO, 1994, p. 73)<sup>1</sup>

Não apenas no campo da fonologia podem-se apreender as inovações lingüísticas de Luandino. Também no que concerne ao âmbito morfológico – em que tais inovações nascem necessariamente de uma clara consciência transgressora – seu trabalho com a linguagem apura-se e ganha relevo. São muitos, nesse sentido, os achados de Luandino Vieira no plano da criação lexical, sempre com a intenção de tornar a narrativa mais condizente com a realidade que procura retratar e recriar em suas obras. Processos de formação de palavras – como a composição por justaposição (Logo-é, mais-velho, logo-logo, fazer-pouco, amigo-vira-amigos, quase-iguais) ou por aglutinação (cadavez, boquia-brindo); como a derivação prefixal (desconfusão, exflorindo, desconhecidas, despega), sufixal (*simplezito*, *falsosas*) ou imprópria (antigamentes, sins, mussecais, emboremo-nos); como a reduplicação (*tretremi*) e muitos outros – fazem parte da criatividade transgressora de Luandino Vieira.

No plano *sintático*, suas transgressões ficam por conta da dispensa de conectivos frasais e oracionais (preposições, pronomes, conjunções), como ocorre, por exemplo, em **Luuanda** (VIEIRA, 1982, p. 8):

Tinha levantado, parecia [que] as palavras punham-lhe mais forças [...]  
andei [a] procurar trabalho [...]  
não pensar mais [n]o corpo velho e curvado de vavó [...]  
gosto delas não era bem [de] mandioca [...];

mas também pelo uso insólito de certas locuções verbais, como nestes exemplos, ainda retirados de **Luuanda** (VIEIRA, 1982, p. 5):

adiantou ficar com aquele feitio [...]  
para adiantar pagar a multa [...]  
continuava soprar o fogo [...]  
parecia tinha ficado maluco [...]  
queria adiantar essas falas [...];

e, assinalando mais uma vez seu apego à transgressão sintática, pelo emprego coloquial, não-padrão, da concordância verbal, como ocorre principalmente em **No antigamente, na vida** (VIEIRA, 1977, p. 14):

<sup>1</sup> Para a questão da oralidade em Luandino Vieira, consultar ainda MADRUGA, Elisalva de Fátima. José Lins do Rego e Luandino Vieira. **Arquivos do Centro de Estudos Portugueses**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 41-44, nov. 1980; e MACEDO, Tânia. Malandragens transoceânicas: uma leitura de narrativas de João Antônio e Luandino Vieira. In: CANIATO, Benilde Justo; MINÉ, Elza (Coord., Ed.). **Abrindo caminhos: homenagem a Maria Aparecida Santilli**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Via Atlântica, 2002. p. 543-548.

a gente demos encontro os milagres [...]  
mas é as cenas do Neco [...]  
a gente vimos a raiva no riso dos dentes [...]  
a gente podíamos ver ele agarrar nas palavras [...]  
a gente agora estávamos divididos.

Desse modo, tanto do ponto de vista fonológico quanto do morfológico e do sintático, pode-se afirmar que a obra de Luandino Vieira tem na transgressão do código lingüístico sua principal marca estilística, o que denota uma ruptura não apenas com os modelos literários provenientes da Europa mas, principalmente, com o modelo gramatical advindo de um registro padrão e normativo, como já salientou, mais de uma vez, Pires Laranjeira (1995, p. 122.):

A língua literária luandina surge assim na intersecção da língua natural portuguesa com a língua natural quimbunda, fornecendo aquela sobretudo o espaço lexical e a estrutura básica, interferindo esta nalguns pontos da sintaxe, introduzindo-se vocábulos crioulistizados, aquimbundados, do quimbundo mesmo ou neologismos, além de certas *nuances* prolongarem a oralidade gramatical e expressiva do português.

Visto sob uma ótica inversa, não parece exagero afirmar que a literatura de Luandino Vieira denota – por meio da inovação lingüística – uma transgressão do próprio código estético europeu, na medida em que refaz o percurso da escritura literária a partir de outros protocolos artísticos, nos quais está pressuposta a literatura como expressão de uma nova forma a representar um novo conteúdo. Sua criação lingüística faz parte, assim, de um projeto de inovação discursiva, por meio do qual, ao se instaurar um outro discurso literário, se inaugura uma nova maneira de interpretar a realidade nacional que esse discurso representa.

Uma vez que, como afirma Maurizio Gnerre (1987, p. 10), “a língua dos gramáticos é um produto elaborado que tem a função de ser uma norma imposta sobre a diversidade”, Luandino opta exatamente por romper com essa espécie de condicionamento lingüístico, no qual a linguagem exemplar se torna modelo ideal de uso, e a norma gramatical, a única referência válida para a escrita. Daí o emprego de uma linguagem mestiça, mesclada de regionalismos e adaptada à dicção sintaticamente aglutinante dos falares locais de Angola, tudo esteticamente reestruturado a partir da perspectiva literária que tem na criatividade lingüística sua tônica.

O discurso de Luandino Vieira revela-se, assim, múltiplo, permitindo leituras variadas e representando um caleidoscópio de ideologias e realidades tomadas a frio do contexto sociopolítico, cultural e religioso de Angola. Em outras palavras, trata-se de um discurso que reflete o imaginário angolano, ao mesmo tempo em que lhe é construção refletida, permitindo que sua ficção promova



uma multiplicidade de discursos que sempre remete a uma série de formas discursivas possíveis, as quais, juntas, perfazem a produção textual e ultrapassam o âmbito restrito de seu significado mais imediato e utilitário.<sup>2</sup>

## Conclusão

Analisando a ocorrência de elementos inovadores na linguagem empregada por Luandino Vieira em sua produção ficcional, chega-se ao conceito de transgressão, o qual – em Luandino e em outros autores luso-africanos, como Mia Couto – se torna particularmente operatório, passando assim a representar um idioma carregado de neologismos advindos do aportuguesamento de vocábulos e expressões próprios de falares regionais de Angola, repleto de criações lexicais que – embora estruturalmente vinculadas, em sua lexicogênese, à língua portuguesa – revelam um processo de reescritura e ressemantização lingüísticas, marcado por uma sintaxe em que a composição frásica acusa um contato direto e freqüente com o quimbundo.

De fato, trata-se, em última instância, da tentativa – e, até certo ponto, do êxito – de reorganizar a própria estrutura da língua portuguesa, refazendo o percurso da escrita no plano narrativo, o que resulta na apreensão imediata de uma espécie de língua angolana (MARGARIDO, 1980). A opção por essa linguagem, finalmente, não poderia ter sido feita sem conseqüências políticas diversas, sobretudo em se tratando da literatura angolana e de um autor como Luandino Vieira. Com efeito, se no âmbito temático sua produção ficcional marca – como quer Costa Andrade (1980), outro grande nome da literatura angolana – a conquista identitária de um povo, é no plano da linguagem literária que seus romances adquirem pleno sentido político, na medida exata em que promovem um eficaz combate ao poder constituído (cf. LARANJEIRA, 1985; SILVA, 1994).

Resgatando a identidade de seu povo e afrontando o poder colonizador por meio da escrita literária, Luandino instaura, por assim dizer, uma nova concepção de mundo, já que, como assinala Cassirer (1953), todo contato com o mundo exterior passa necessariamente pela linguagem, por meio da qual ele se organiza, opinião que vale particularmente nos países onde a realidade social encontra sintomática acolhida no discurso literário.

Tais fenômenos – que se traduzem numa escrita verdadeiramente transgressora e pluralista – fazem da produção ficcional de Luandino Vieira um dos episódios mais caros à formação e consolidação do romance angolano contemporâneo.

---

<sup>2</sup> Para a questão da multiplicidade discursiva, consultar PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p. 61-161. Para os significados supra-utilitários do discurso, consultar BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.

## Abstract

The present article analyses the more significant linguistic innovations from the angolan writer Luandino Vieira, and the interaction between his literary language and the Angola's cultural identity.

**Key words:** Luandino Vieira; Angola; Angolan literature; Linguistic innovations.

## Referências

- ANDRADE, Costa. **Literatura angolana**: opiniões. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARTHES, Roland. **Le degré zero de l'écriture**. Paris: Seuil, 1972.
- CASSIRER, Ernst. **Language and myth**. New York: Dover, 1953.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- GNERRE, Maurizzio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- LARANJEIRA, Pires. **Literatura calibanesca**. Porto: Afrontamento, 1985.
- LARANJEIRA, Pires. Luandino Vieira e Luanda. In: LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. p. 118-130.
- MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Africanidade**: contornos literários. São Paulo: Ática, 1985a.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas**: história e antologia. São Paulo: Ática, 1985b.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. A androginia do poético em Luandino Vieira e Guimarães Rosa. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 14, n. 17, p. 71-81, jan./jul. 1994.
- SILVA, Evelina Carneiro da. A face oculta da história na literatura de Luandino Vieira e Edouard Glissant. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 16, p. 57-61, 1994.
- VIEIRA, José Luandino. **A vida verdadeira de Domingos Xavier**. São Paulo: Ática, [19—].
- VIEIRA, José Luandino. **Luuanda**. São Paulo: Ática, 1982.
- VIEIRA, José Luandino. **No antigamente, na vida**. Lisboa: Edições 70, 1977.